



PRÁTICAS E SABERES DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: UMA EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Lucas William Moreira da Silva
Arnaldo Pinto Júnior

Este trabalho discute o ensino da ginástica no Brasil na Primeira República através do manual didático intitulado *Gymnastica nas aulas: manual teorico-pratico dedicado ao professorado para o ensino elementar de exercicios militares e gymnasticos*, escrito por Manoel Baragiola e publicado em São Paulo pela J. B. Endrizzi & Comp. no ano de 1895. A obra se encontra disponível para consulta no Acervo da Escola Estadual Caetano de Campos, integrado ao Centro de Referência em Educação Mário Covas. A partir da referida fonte, investigamos a natureza da educação dos sentidos e sensibilidades no âmbito das práticas escolares. Considerando os ideais republicanos impressos em produções escolares da época, há indícios que as propostas pedagógicas traçam caminhos que, para além de uma educação física racional, versava sobre a conservação ou regeneração de um corpo útil à nação e ao capital.

Compreendemos também o papel das auto-regulações destacado pela escola, o qual conferia ao corpo uma prática moderada, higiênica e cívica, e prescrições com sentidos de ordem e disciplina. Assim, nos questionamos como o manual contribuiu para a constituição da disciplina de Educação Física e de que modo eram selecionados ou segregados certos caminhos de conhecimento sobre o corpo.

A partir da abordagem histórico-cultural, outras fontes foram levantadas, como a Lei n. 88, de 08 de setembro de 1892, que instituiu a reforma da instrução pública do Estado de São Paulo e incluiu a ginástica e exercícios militares no currículo escolar, além dos periódicos *Commercio de São Paulo* e *Correio Paulistano*, do período de 1890 a 1916, com diversas notícias acerca do professor Baragiola.

A pesquisa surgiu das inquietações acerca da historicidade da disciplina de Educação Física nas escolas paulistanas no período republicano. Iniciamos por um entendimento do período com a leitura dos trabalhos de Nicolau Sevcenko (2003, 1997) e José Murilo de Carvalho (1990), os quais possibilitaram uma melhor compreensão da transição do século XIX para o século XX no Brasil, uma época marcada por reformas políticas, promessas, frustrações e incertezas, tendo em vista o processo de transformações do cotidiano da população ao âmbito das leis. Intelectuais, profissionais liberais, jornalistas, professores, dentre outros sujeitos, atuaram na divulgação e defesa de ideais civilizatórios.

A formação de um homem novo e a correção dos hábitos de higiene, gestos, atitudes e comportamentos sociais eram pautados em debates marcados pela ausência de representantes populares. Neste cenário ganharam força discursos científicos sobre a higienização e educação do corpo que envolviam, por exemplo, concepções de infância, vida doméstica e espaços coletivos (PYKOSZ; TABORDA DE OLIVEIRA, 2010). Pautando-se na ampliação dos seus interesses políticos, os sujeitos comprometidos com a constituição de uma nova ordem do corpo e do cidadão republicano também fizeram uso da escola, uma instituição símbolo para os defensores da modernidade.

Nas reformulações educacionais implementadas na época, questões como a função política da escola e a seleção cultural para os níveis de ensino são compreendidas como

formas discursivas de intervenção social e de elaboração de práticas (SOUZA, 1998). Góis Jr. e Batista (2010) consideram que em documentos oficiais havia um ideário biológico sobre a realidade alinhado a concepções liberais, as quais também se encontravam nos materiais destinados à instrução pública, como no caso dos manuais didáticos.

Consideramos, portanto, o jogo das complexas relações sociais entre as propostas político-pedagógicas. Do mesmo modo, entendemos que a defesa da ginástica nas escolas, também era parte de uma articulação de mesma natureza. Havia uma renovação pedagógica racional, parte de um processo de universalização do ensino, baseada no desenvolvimento do conhecimento, do concreto para o abstrato, pelos sentidos e pela observação, descritos sumariamente na esfera teórica (SOUZA, 1998).

Em relação ao manual de Baragiola e suas perspectivas didáticas, estabelecemos um diálogo com pesquisadores que focalizaram esses produtos culturais em diferentes espaços e tempos, tais como Alain Choppin (2004), Laurence Hallewell (1985) e Kazumi Munakata (2012, 1997), contribuindo para as discussões sobre a produção e circulação dos materiais didáticos. A análise documental foi pautada no pressuposto das possibilidades de desvelação de novas problemáticas a partir da abordagem qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Dialogando com referenciais da história cultural, consideramos a tese de Arnaldo Pinto Jr. (2010) e suas reflexões sobre a historicidade do ensino no Brasil como importantes contribuições para a análise do livro didático através dos conceitos de Peter Gay sobre educação dos sentidos. Para Gay (1988), o referido processo de educação estava alinhado à produção das identidades cidadãs modernas. Estas reflexões partem do seu foco dado às práticas culturais plurais europeias e norte americanas abarcando dimensões conscientes e inconscientes, sensíveis e contraditórias dos sujeitos. A respeito da pesquisa na natureza da educação dos sentidos em sua relação com os manuais de ginástica, abordamos os estudos de Tabora de Oliveira (2020, 2013) e Puchta (2015, 2007) pelos potenciais trazidos na investigação do tema em fontes primárias, as quais versavam sobre a educação do corpo na escola.

Acerca da trajetória de Manoel Baragiola no Brasil, menções nos periódicos de São Paulo a seu respeito indicam que ele mantinha contato com alguns redatores locais e já era reconhecido como professor de ginástica e esgrima e pela sua atuação docente (CORREIO PAULISTANO, 1890b). Essas atividades também ocorriam em forma de apresentações e exibições em espetáculos e teatros, como o Teatro Provisório, Teatro Rink, Teatro Minerva e Frontão Paulista, duelando com outros professores a exemplo de Panizza, Vassela, Cristole e Ferreto (CORREIO PAULISTANO, 1890a; 1891).

“Diplomado pela escola Magistral de Educação Physica de Turim” (O COMMERCIO DE SÃO PAULO, 1909, p. 3), Baragiola atuou no Ginásio da Capital (nomeação publicada no *Correio Paulistano* no dia 28 de junho de 1893) para reger os cursos de *ginástica e exercícios militares*, e também esteve na Escola Normal e na Escola Modelo da Capital, segundo informa o quadro de professores do município.

Em *Gymnastica nas aulas*, Baragiola explicitou uma preocupação em organizar métodos destinados ao ensino de ginástica de caráter nacional, a exemplo de outros autores da época. Esta necessidade de renovação da formação do professorado e da organização dos saberes em modernos métodos de ensino, fez parte da “mentalidade do século XIX, impregnada dos princípios de racionalização da produção e da vida social” (SOUZA, 1998, p. 159). O estado de São Paulo e a Escola-Modelo foram o seio destas novas práticas escolares que se institucionalizavam, lugares de atuação de Baragiola. Estar presentes nestes espaços destacava também o professor como importante agente nos processos de transformações da educação física nas escolas paulistas.

Contudo, a legislação também apoiou tais possibilidades de atuação. A primeira reforma no período republicano da instrução pública do estado de São Paulo apresentou a

ginástica junto ao ensino de exercícios manuais e militares apropriados à faixa etária e ao sexo masculino e feminino (SÃO PAULO, 1892). Dentre os processos históricos da escola pública primária no período republicano, saberes e práticas sobre uma educação física destinadas ao ensino preliminar, segundo Souza (1998, p. 202) deveriam “exigir presteza e rapidez dos movimentos e não admitir o menor ato de indisciplina” e conclui em sua análise que, “os alunos que mais se distinguissem deveriam ser graduados nos postos militares para gravar no espírito das crianças a necessidade de hierarquia militar”.

A noção e o domínio, então, das posições do corpo, as quais as crianças deveriam realizar, faziam parte desta ginástica educativa. Uma dimensão física, de presteza, rapidez dos movimentos, entre outras recomendações, estava também diretamente ligada ao senso de indisciplina, caso não fossem cumpridas corretamente. Outra marcante característica é a adoção do mérito a quem se saísse melhor nas atividades, com a finalidade de representar moral e culturalmente, de certa maneira, a necessidade da hierarquia militar.

Em uma época em que servir ao exército não era obrigatoriedade, o discurso de militarização da educação e dos corpos, era parte do projeto de um ensino de ginástica que, concomitantemente, educava sentidos e sensibilidades. Nele, era necessário ensinar aos meninos, e não às meninas, a suportar o manejo de armas e a resistir a extensas marchas. Com tal consciência, seria possível demonstrar à sociedade moderna que o aluno não só saberia os comandos militares, mas amaria suportá-los. Nos exercícios propostos em seu livro didático, essa pretensa educação fica ainda mais clara.

O manual de ginástica de Baragiola, presente como forma de cultura material da escola, possui 83 páginas e 50 figuras numeradas, as quais eram ilustrações de alguns dos 207 exercícios propostos. A linguagem do livro possui uma dimensão prescritiva e simbólica, dotada de referências de intelectuais europeus, além do caráter militar que é expresso já no subtítulo *manual teorico-pratico dedicado ao professorado para o ensino elementar de exercicios militares e gymnasticos*. Em sua dimensão simbólico-cultural, tal ensino deveria ter por fim o “desenvolvimento harmônico de todas as partes do corpo e o recreio do espírito” (BARAGIOLA, 1895, p. 17), defendendo, portanto, uma forma específica de educação do corpo.

O livro é dividido em uma parte teórica, antecedida de um prólogo, e parte prática, mais extensa. Neste prólogo, Manoel Baragiola dedica-o ao professorado atuante no ensino das disciplinas de ginástica e exercícios militares. Contudo, deixa claro que não se trata de um trabalho novo, mas “resultado do estudo de várias obras alemãs, italianas, francesas, suecas [...] e observando fielmente as vozes de commando adoptadas no *exercito brasileiro*” (BARAGIOLA, 1895, p. 3, itálico do original).

Nas discussões sobre os processos de educação do corpo, Soares e Fraga (2003) indicam que desde o final dos setecentos e inícios dos oitocentos há um processo de naturalização dos ideais de corpos retilíneos, belos e ágeis e, através do corpo educado, era expressa a civilização. Destacamos também que, pelas percepções deste corpo, eram instruídas também as sensibilidades, o imaginário e os sentimentos subjetivos.

Ao longo de todo o manual, saberes e práticas se constituíam e eram constituídos por sujeitos que sentiam, mas também educavam sentidos, para que se internalizasse uma racionalidade que não era habitual às camadas populares. São caminhos onde a Educação Física como disciplina escolar passou, em seu lento e gradual processo de consolidação.

As reflexões apresentadas sugerem que a expressão física da ginástica representada no manual se alinhava constantemente aos ideais republicanos, expressadas principalmente nos comandos de ordem militar, nas recomendações higiênicas pautadas em pressupostos científicos e na defesa de uma prática voltada a modernização do país. Havia um sentimento patriótico, de proteção à nação através do vigor físico, podendo ser ensinado através dos sentidos.

Desse modo, a educação dos sentidos pôde ser analisada nas prescrições no direcionamento do olhar, na propriocepção da posição milimétrica e angular dos pés, na sinestesia, ou seja, nas próprias noções de movimento, transferência de peso, equilíbrio e posição do corpo nos diferentes comandos militares como filas, fileiras, tomar distâncias, intervalos, sentido, continência, reverência e até mesmo maneiras corretas de se descansar.

Os tipos de corpos que se pretendia reproduzir nas crianças eram repletos de um imaginário científico, militarizado e até mesmo segregacionista entre os gêneros, mesmo numa proposta de aulas mistas. Nota-se inúmeros exercícios, em especial os que remetem aos movimentos das pernas, proibidos às meninas e a prática de passos rítmicos voltado apenas para elas, em nome da conservação de sua dignidade.

Por fim, salientamos que o referido manual, mesmo pensado e produzido para a escola, possibilita inúmeras leituras singulares. Apesar da presença de um sólido método de ensino apresentado por Baragiola, há de se considerar que a educação física na escola também era ministrada por circenses e acrobatas, os quais possuíam fortes influências do circo e seus saberes (HAUFFE; GÓIS JR., 2014), possível tema para estudos futuros.

Fontes

BARAGIOLA, Manoel. *Gymnastica nas aulas*: Manual theorico-pratico dedicado ao professorado para o ensino elementar de exercicios militares e gymnasticos. São Paulo: J. B. Endrizzi & Comp., 1895.

COMMERCIO DE SÃO PAULO. São Paulo, 20/05/1909, Ano XVI, n. 1027, p. 3.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 05/12/1890a, Ano XXXVII, n. 10275, p. 1.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 12/12/1890b, Ano XXXVII, n. 10281, p. 3.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 22/08/1891, Ano XXXVIII, n. 10483, p. 1.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15/03/1916, n. 18919, p. 2.

SÃO PAULO. Lei n. 88, de 08 de setembro de 1892 – Reforma a Instrução Pública do Estado. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1892/lei-88-08.09.1892.html>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

Bibliografia

CARVALHO, J. M. de. *A formação das almas*: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, nº 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

GAY, P. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*: a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GÓIS JR., E.; BATISTA, J. C. F. A introdução da Gymnastica na Escola Normal de São Paulo (1890-1908). *Movimento* (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 69-85, mai. 2010.

HALLEWELL, L. *O Livro no Brasil*: sua história. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1985 (Coleção Coroa Vermelha: Estudos brasileiros; v. 6).

HAUFFE, M. K.; GÓIS JR., E. A educação física e o funâmbulo: entre a arte circense e a ciência (século XIX e início do século XX). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 547-559, jun. 2014.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.

MUNAKATA, K. O livro didático: alguns temas de pesquisa. *Revista brasileira de história da educação*, Campinas-SP, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38817>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

_____. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. 1997. 218 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

PINTO JR., A. Professor Joaquim Silva, um autor da história ensinada do Brasil: livros didáticos e educação moderna dos sentidos (1940 –1951). 2010. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PUCHTA, D. R. *A escolarização dos exercícios físicos e os manuais de ginástica no processo de constituição da educação física como disciplina escolar (1882-1926)*. 2015. 285 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.

_____. *A formação do Homem Forte*. 2007. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, linha de História e Historiografia da Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

PYKOSZ, L. C.; TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. A higiene como tempo e lugar da educação do corpo: preceitos higiênicos no currículo dos grupos escolares do estado do Paraná/Brasil. *Historia de la Educación*, n. 29, p. 259-282, 2010.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso (Introdução). In: NOVAIS, Fernando Antonio (coord.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997.

SOARES, C. L.; FRAGA, A. B. Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. *Pro-posições*, São Paulo, v. 14, n. 2, p.77-90, mai./ago. 2003.

SOUZA, R. F. de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: UNESP, 1998.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Pesquisas sobre a educação dos sentidos e das sensibilidades na História da Educação: algumas indicações teórico-metodológicas. *Revista História da Educação*, Belo Horizonte, v. 24, p. 32, 2020.

_____. Uma educação para a sensibilidade: circulação de novos saberes sobre a educação do corpo no começo do século XX na Ibero-América. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas-SP, v. 13, n. 2 (32), p. 15-43, maio/ago. 2013.